

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

programa 6

SEM FÉ, SEM LEI, SEM REI

Daiara Tukano [Direitos Humanos]

Os europeus vieram já enxergando índios e tentaram nos convencer até hoje que nós somos índios, sendo que antes de sermos índios nós éramos e continuamos sendo, né, Niepamaça, Tupinambá, Xavante, Krahô, Potiguara, Kariri-xocó, Pataxó, Tupinambá, Kaingang e tantas as milhares de civilizações com nomes próprios, com histórias próprias que acabaram sendo reduzidas à imagem do índio.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Carta de Caminha ela tem aspectos de uma beleza terrível que aparece ali. Eu queria destacar exatamente uma passagem em que se dá o primeiro encontro com os índios na praia, né. Os portugueses chegam, avistam aquela paisagem já aparecem pessoas que são esses índios e, e num primeiro encontro que há uma primeira conversa entram dois índios dentro da caravela onde eles estão, e esses dois índios que, que logo Pero Vaz de Caminha descreve como sendo que... “Eles não cobrem suas vergonhas”, existe esse estranhamento cultural evidente, e ele faz uma descrição: “Eram pardos, todos nus, bem-apegoados”, descreve o cabelo rapado na altura da orelha, as penas, um deles usa cocar e, e quando eles entram na caravela o, o capitão está todo adornado com colares e o... Os índios se interessam por aquele colar, pegam na mão se divertem com aquilo, tem ouro, tem prata eles apontam para, para o Brasil mostrando que... Ou, ou sugerindo, pelo menos assim eles entendem que eles estão dizendo que isso aqui, ouro e prata, tem lá. Então tem uma, uma... Um esboço de conversa mímica e depois que esse assunto arrefece, porque não vai mais muito longe, os índios simplesmente se deitam no chão da caravela e dormem. É tão bonito essa descrição para nós hoje, quer dizer, eles estão tão não defendidos, digamos assim, né, não defendidos, claro, nem militarmente mas sobretudo não espiritualmente defendidos e os portugueses vem e cobrem com uma

mantinha. Essa é uma cena originária, né, essa sim pode ser tomada como um mito inaugural.

Kaka Werá [Escritor]

Quando um tupi encontrava lá um Kaingang, um Guaianá que era outra língua, outra crença outro sistema, outra pintura corporal, né, como que fazia? Então tinha algumas estratégias, uma delas era se adequar à rotina do outro por um tempo, ou seja, que festas, que ritos, que... Como que eu entro na casa do outro! E aí vinha uma outra estratégia que era o puxirum, que evolui-se para a palavra mutirum que se aportuguesa para a palavra mutirão. Então a evolução desse primeiro relacionamento que era a troca de coisas evoluía para um relacionamento de colaboração mútua, e dentro dessa colaboração mútua é aí que o outro ia mostrar que realmente era um amigo: “Eu te ajudo a construir a tua oca, você me ajuda a fazer a minha roça”, e isso criava um clima de hospitalidade. Então por isso que era natural e foi natural os tupiniquins, tu... Na, na, na beira da praia ao chegar o estrangeiro abrir o coração para uma possível futura hospitalidade.

Guillermo Guicci [Historiador]

Caminha deixa claro no, no fim da carta de que a missão do rei português é cuidar da salvação dos nativos e a pergunta é: “Salvá-los de que?”, que não tinha acontecido nada, mas obviamente é salvá-los da falta do modelo cristão.

Maria Augusta Fonseca [Literatura Comparada]

1560 por aí quando Pero de Magalhães Gândavo escreve o tratado sobre a terra do Brasil ele vai dizer que aqui essas pessoas na língua que elas falam, então elas já estão voltando à, à língua com a qual se comunicavam os habitantes da terra, né, e essa língua não tem nem F, nem L, nem R, é daí que vem, né, de modo que eles não têm nem fé, nem lê, nem rei.

Kaka Werá [Escritor]

Que os povos nativos não tinham a estrutura religiosa no sentido de uma crença em Cristo, em Deus, queriam dizer que não tinham uma hierarquia político-social como a monarquia que a qual eles conheciam, e queriam dizer que aqui era uma anarquia, quer dizer, que não tinha uma governança, que não tinha um, um estado de leis, ele

queria justificar inclusive a escravização e opressão por conta desses três pontos. Essa história de não ter rei, fé e lei foi também mais uma... Mais um, um fenômeno que se tornou parte da construção do imaginário futuro dessa persona chamada índio que na verdade não existe.

Danilo Marcondes [Filósofo]

A relação da colonização portuguesa sobretudo com os povos indígenas foi sempre muito é, ambígua, né, no sentido de, de exploração mesmo, ao mesmo tempo criando uma espécie de mito dessa sociedade indígena e ao mesmo tempo desvalorizando no sentido que aquilo que pareceu no início para os franceses muito positivo, eles vivem na natureza, são epicurios, pareceu para o português, vem estigmatizado daí, moralmente estigmatizado, como preguiça, o índio não gosta de trabalhar, não é, o índio é... Não quer trabalhar, os índios eram maus escravos porque eles não entendiam que que era ter que trabalhar daquela maneira, aquilo parecia para eles uma coisa totalmente absurda.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

A substituição do índio pelo negro na lavoura ela é atribuída à preguiça do índio, à tibieza de ânimo do índio que não era fadado para o trabalho. Então o mito da preguiça indígena está presente ali, não se levava minimamente em consideração por exemplo que dentro de determinadas culturas indígenas não fazia o menor sentido você produzir excedente mercantil para negociar mercadoria. Não fazia o menor sentido refletir sobre o fato de que em várias culturas indígenas o trabalho de lavoura era um trabalho feminino!

Carlos Fausto [Antropólogo]

A nossa sociedade ela é uma sociedade na qual a, a essência da vida é o trabalho regular contínuo e normalmente para alguém. Isso não é uma ideia muito estranha para as populações indígenas, eles podem passar três dias ou quatro dias fazendo um ritual extenuante e depois se for necessário caçar e pescar durante horas a fio para tornar isso possível, eles apenas não imaginam que vale a pena trabalhar sem parar simplesmente para manter a vida, porque isso não é a vida.

Guillermo Guicci [Historiador]

No ensaio clássico de Max Weber, *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, fica claro que o trabalho é uma coisa antinatural, seja, como se fez durante o capitalismo para impor essa noção de que o trabalho era sagrado. Foi um processo demorado, longo e conflitivo, violento. No, no caso desse processo civilizatório o Estado-Nação é uma realidade imaginada muito poderosa e eu enfatizo a realidade imaginada. O Estado-Nação não está na nossa biologia. Se a gente abrir nosso corpo não temos o Estado-Nação, o Estado-Nação está legitimado pelo Hino Nacional, pela bandeira, pela língua, por uma forma de educação, por uma forma de tradição, por seus próprios mitos, mitos de origem. O que acontecia é que os índios que não eram brasileiros seriam chamados posteriormente índios brasileiros não pertenciam a esse projeto civilizador do Estado-Nação. Então, indolência, preguiça, malandragens são atribuições discursivas de um grupo dominador que quer aproveitar em seu benefício próprio o trabalho dos outros.

Carlos Fausto [Antropólogo]

Esses portugueses chegados aqui à costa eles não sobreviveriam sem os índios, os índios vão produzir comida para eles, né, eles se alimentam dos índios, isso por muito tempo, né, as várias cidades coloniais dependiam da produção de farinha dos índios, dependiam de personagens como Arariboia aqui, né, que, que produzia mandioca para eles, né, que alimentava aquilo que era aquela pequena vilazinha aqui no, no Rio de Janeiro, mas antes mesmo deles se fixarem no território eles dependiam da expertise e da mão de obra indígena para trazerem os... As árvores, os troncos de pau-Brasil.

Ronaldo Vainfas [Historiador]

Tem uma obra do Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e Fronteiras*, que mostra que para começar os portugueses nem teriam conseguido navegar, entrar pelo Brasil e, e lidar com o Brasil se não fossem os índios... Os índios ensinavam tudo, como eles iam caçar, onde, o que, como navegar, como pescar. Estudando ali aquela região do Planalto de Piratininga mostra uma verdadeira indianização da cultura portuguesa.

Carlos Fausto [Antropólogo]

E nessa história conta muito também a relação... As relações de alianças e esses personagens que vão funcionar como terceiros, intermediários, tradutores e vão se casar com indígenas, vão ter filhos e filhas mamelucos que vão se casar posteriormente,

enfim, tem uma série de histórias, grandes personagens, João Ramalho, Jerônimo de Albuquerque, o Caramuru na Bahia e assim por diante.

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

O João Ramalho e, e outros como ele que a gente chamaria hoje em dia dentro de uma certa perspectiva que me agrada de intermediários culturais, né, eles perceberam que as relações com os indígenas, com as chefaturas indígenas formam rede de solidariedade, né, então. Isso acontece também em Pernambuco com, com Jerônimo de Albuquerque, né, com, com Duarte Coelho e, e que é um grande... Uma grande figura da reconquista da costa Leste-Oeste. Então a importância da... Das alianças indígenas passam pela via do, do... Da união, do casamento, digamos, ou da, da descendência tudo isso.

Kaká Werá [Escritor]

Os caras que vieram aqui nessa primeira geração eram aventureiros, os caras queriam era, era, era extrair o máximo, o máximo possível de riqueza, depois sim os jesuítas vêm para: “Ó, vamos pôr ordem nessa casa”. Mas é importante colocar que eles não vieram só para catequisar os povos indígenas, mas também para moralizar os portugueses.

Danilo Marcondes [Filósofo]

Os jesuítas tinham uma, uma agenda própria que envolvia isso, a enculturação, né, o fato de que eles tinham que ter uma convivência forte com os povos indígenas, e que envolvia sobretudo a questão da educação, eles eram educadores e a ideia deles é que ele tinha que educar. Então eles faziam alguma coisa que gerava uma certa desconfiança na coroa portuguesa que era, por exemplo, ensinar os índios a ler e escrever. Isso é muito interessante porque isso traz um elemento sociológico e antropológico forte e que você... Claro, a agenda da conversão da missão permanece, mas que isso não seja feito por um massacre mas que seja feito por uma espécie de enculturação, de, de incorporação dos elementos dessa cultura inclusive, por exemplo, isso já está aqui no Anchieta, de traduzir para o tupi orações e fazer um dicionário português/tupi, de entender a língua. Isso, isso é muito peculiar aos jesuítas, à, à concepção dos jesuítas da... Naquela época.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

Que a igreja acaba decidindo, né, é que a partir, na verdade, de meados do Século XVI os povos indígenas não poderiam ser escravizados a não ser que eles se recusassem ao processo de catequese, né, e a Bula Papal que havia sido expedida em... Se eu não me engano 1455, em que liberava os portugueses a comercializarem africanos, né, que eles chamavam de guinéus na época, ela se mantém. Então os africanos por uma série de heranças bíblicas, né, eles seriam descendentes de Cam ou de Caim, dependendo da história, né, e por isso amaldiçoados eles deveriam ser escravizados porque a escravidão seria uma forma deles pagarem em vida o purgatório, né, ao passo que os indígenas como não conheciam ainda a, a, a religiosidade cristã e católica especificamente, teriam que viver esse, esse processo de conhecimento por meio da catequese e aqueles que não quisessem poderiam ser reduzidos à escravidão.

Antonio Risério [Antropólogo]

Não houve em momento algum uma decisão no Brasil de exterminar os índios, houve de incorporar ao processo que estava se fazendo aqui. O que se dizia era: “Qual era a orientação para Tomé de Souza? Distribuir terras e garante a posse para os índios amigos e combate os índios inimigos”. O que você pode dizer é que a política portuguesa para os índios foi ambígua, contraditória, o que for, agora, genocida não.

Carlos Fausto [Antropólogo]

Primeiro as febres e as diarreias... Diarreias que são descritas bem no início da, da, da colonização, mas sobretudo a partir de 1550, de 1549 quando vem o governo central para o Brasil, Tomé de Souza e os jesuítas, se passa a ter clareza sobre os eventos epidêmicos que destroem as redes indígenas, pelo menos na costa brasileira,

Guillermo Guicci [Historiador]

Na medida em que esses índios se aliam e não geram formas de protesto e resistência são bem incorporados, mas na medida em que resistem e se enfrentam com os novos dominadores vão ser e... Eliminados.

Kaká Werá [Escritor]

Até a chegada dos africanos no Brasil existia um, um ouro, existia uma moeda preciosa aqui que era chamada por eles de o ouro vermelho, quer dizer, o índio era uma moeda valiosa, ter, ter um, ter um, ter dois, ter mil eram, eram brigas para ter o maior número possível de, de índios, isso que foi a história das Bandeiras. Quem era dono de uma Bandeira era dono de um certo número de índios, né. Como esses índios se rebelavam, fugiam e etc., criavam estratégias de liberdade era uma moeda dura de ser mantida e ele... Mas eles tinham esse valor. Com a chegada dos africanos esse valor muda, os índios são desvalorizados do ponto de vista de moeda de troca porque se torna muito mais fácil, entre aspas porque não foi tão fácil assim, subjugar o africano que desconhecia essas terras. E aí nessa segunda fase o índio passa a ser o estorvo e ele passar a ser chamado de bugre, que significa também besta, é, é uma... Homônimo de gentil. E aí nasce a profissão dos bugreiros que são os matadores de índios, porque é necessário exterminá-los para que não ofereçam risco à ambição exploratória desses grupos que, que se expandiam com a escravização africana. Em paralelo a isso aqueles que eram cristianizados, aqueles que estavam sobre a, a... Sobre o acolhimento da igreja e nesse ponto a religiosidade foi importante para, para, para, para que muitos sobrevivessem, né, foram se caipirizando e isso é um apagamento também de muitos povos.

Guillermo Guicci [Historiador]

Sempre acontece na história que o desaparecimento gera formas de mitificação, forma de nostalgia. Acontece, por exemplo, com nossa noção de juventude, acontece com a extinção dos animais, acontece com os grupos humanos. Enquanto existe uma ameaça essa mitificação não existe ela é entendida como um elemento negativo a ser destruído. No momento que começa a destruição começa um processo de nostalgia que tende a mitificar o que antigamente era uma ameaça e é transformado agora numa relíquia. Quando se busca uma identidade nacional o que se busca é uma forma mitificada do passado, o romantismo brasileiro é uma expressão dessa mitificação do passado, é uma expressão de que o índio de fato estava abandonando o cenário da intervenção social.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

O 2º Reinado pensa num projeto de construção da identidade nacional brasileira. Então você tem uma geração de historiadores, uma geração de romancistas, uma

geração de poetas que eles têm que enfrentar a questão da identidade. E o índio se transformava num personagem ideal para isso porque o índio estava aniquilado.

Eduardo Jardim [Filósofo]

Tinha os que diziam que o índio era, era um peso na nossa formação, porque o índio era indolente, o índio é primitivo, não era um elemento formador positivo da nossa nacionalidade. E por outro lado tem uma outra linhagem do nosso pensamento intelectual que vê no índio uma... Quase como que um, um elemento intocado, puro a partir do que uma civilização mais feliz poderia ser construída.

Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]

Acho que a questão indígena ela fica muito interessante porque ela é sempre um momento de forte tensão de quem está incluído nesse impacto nacional ou não. No romantismo brasileiro você faz aquela fundação mítica colocando aquele indígena alegórico mais alegórico do que aquele indígena é impossível, justamente para escamotear uma enorme realidade muito sofrida, né, da escravidão e da, e da... E das suas sequelas que ainda pungentes ali naquele momento romântico. Aí você tem que fazer uma fundação na nação através dessa mitologia indígena. No Positivismo você vai ter essa, essa tentativa de aculturação, não é, e tentativa de, de transformação desse indígena num cidadão aí ordem e progresso, fazendo a saudação à bandeira brasileira. Depois, no Modernismo, você vai ter uma outra mo... Mitificação que é essa mitificação do indígena antropofágico que vai servir como motivo para você pensar o Brasil, e veja bem que positivistas e modernistas vão coincidir em muitos momentos atemporalmente. E como fica problemática essa, essa, essa apropriação dessa... Desse... Dessa definição do que que é o indígena porque é uma maneira de testar o que você vai definir como nacional também.

Carlos Fausto [Antropólogo]

O romantismo também é um, é um movimento no qual o... Os índios estão... Que existem de fato, né, inclusive em São Paulo, são vários grupos, não são chamados à baila, quem existe ali são as representações que os cronistas fizeram sobre os tupi-guarani no Século XVI. Isso vale também para o Manifesto Antropofágico do Oswald e dos modernistas, né. Se você for ler lá está cheio de índio no Brasil, né, está... E não é só lá na Amazônia, no final do mundo, tem os Kaingang, tem os Guarani, tem uma série

de povos que estão na esquina da casa desse pessoal, mas eles só se relacionam de uma maneira fantasmática.

Eduardo Jardim [Filósofo]

Esse resgate não do índio histórico mas daquilo que ele pode simbolizar, no sentido de ser importante para definir os traços da nacionalidade, isso está presente em Mário de Andrade de uma certa maneira, mas de forma me parece mais tênue e está presente no que foi chamada a Direita do Modernismo, em Plínio Salgado, o Anauê, em Cassiano Ricardo e também na antropofagia do Oswald de Andrade.

Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]

O Oswald vai ter uma sacação muito esperta, muito malandra, muito gingada, muito propícia por que o que que ele vai fazer? Ele vai... Ele tinha uma ideia do canibal, né, nas vanguardas europeias, já Francis Picar, meu pessoal, já tinha essa... Brincava com essa ideia do canibal. Mas ele vai pegar a característica que mais horrorizava os europeus que é a ideia do canibalismo e que justificou tudo quanto é barbárie contra os indígenas, né, e vai dizer: “De fato nós somos canibais”. Agora, obviamente, são cana... Canibalismo metafórico que é uma estratégia de apropriação cultural do outro e uma reinvenção. Então voltando às zonas de contato seria uma maneira da pessoa que está numa posição subalterna ou desprivilegiada reverter o jogo, né, e se apropriar disso. Eu acho que isso é uma estratégia muito frutífera pelo seguinte, porque ela não é essencialista, ela não vai dizer: “Ah não, sabe, eu sou índio, portanto eu tenho características A, B, C”, ou: “Eu sou negro, eu tenho essa identidade congelada, petrificada de tal, tal maneira”. Não, ela vai ser uma posição relacional: “Eu vou me apropriar do que é o outro e eu vou transformar isso através da minha criatividade”. Então eu acho que isso tem uma fertilidade cultural muito grande.

Daiara Tukano [Direitos Humanos]

Até hoje ao redor do mundo povos indígenas, lideranças indígenas, pensadores indígenas estão procurando desconstruir a palavra índio porque ela não nos representa, né, aquela coisa de nós precisamos ainda hoje mais de 500 anos falar depois, falar: “Olha, meu nome não é João meu nome não é índio e a minha história não começa a partir da sua”.

